

Comandos numa encruzilhada como o 25 de abril foi apresentado na revista da escola de comandos em Angola

*Commandos at a crossroad: how the April
1974 Revolution was presented by the Angola
Commandos Training Center magazine*

Jair Rattner

ICNOVA – FCSH

jair.rattner@gmail.com

ORCID ID: [0000-0002-7730-2192](https://orcid.org/0000-0002-7730-2192)

Resumo: A maior parte das unidades militares destacadas para os territórios de combate durante a guerra colonial portuguesa (1961-1974) tinha publicações internas. Descritas na literatura internacional como jornais de soldados (soldier newspapers) ou jornais de trincheira (trench journals) e em Portugal denominados imprensa das unidades, este tipo de publicações tinha como objetivo criar espírito de corpo, justificar a guerra e dar aos soldados alguma informação sobre o que estava a ocorrer na metrópole e no mundo. Em Angola, o Centro de Instrução de Comandos também teve a sua revista, com o nome *Comandos*, impressa, com apenas 12 edições. A última delas foi em maio de 1974, sendo uma das poucas publicações militares após a Revolução dos Cravos. Editada por e dirigida à elite dos soldados do exército português, a força mais disciplinada de defesa do país e do regime, uma leitura da última edição desta revista mostra a perplexidade ante os acontecimentos na metrópole. Por um lado, traz uma descrição factual de seis páginas dos acontecimentos da revolução em Lisboa. Por outro, dedica duas páginas à sua interpretação, com a cópia de uma entrevista que Marcello Caetano deu a um jornal brasileiro, a reprodução de uma entrevista do ex-presidente brasileiro Jânio Quadros a uma revista brasileira em que este atribui a guerra colonial à teimosia de Salazar, que não quis negociar com as forças guerrilheiras, e citações de uma entrevista do líder socialista Mário Soares à revista norte-americana *Time*. Além disso, em outras páginas da revista nota-se uma modificação do tom político. Se no número anterior da revista tinham sido publicados poemas que glorificavam o sacrifício dos soldados que davam a vida pela pátria, na última edição da revista *Comandos* aparece um poema mencionando direitos humanos e liberdade.

Palavras-chave: comandos; guerra colonial; imprensa das unidades; revolução de 25 de abril.

Abstract: *Most of the military units positioned at the combat front during the Portuguese Colonial War (1961-1974) had soldier newspapers. These publications aimed at creating team spirit, justifying the participation in that war and bringing to the soldiers some news about what was happening in the metropolis and the world. In Angola, the Comando Training Center also had its magazine, named Comandos, with only 12 editions. The last one was published in May 1974, and it was one of the few soldier newspapers that was published after de 1974 Revolution. Having as its target audience the most disciplined soldiers of the Portuguese Army, the last edition shows a perplexity in face of what was happening at the Portuguese metropolis. Along with a 6-page thorough description of what happened during the revolution, the magazine publishes two pages of articles trying to explain it, with an interview with the former prime-minister Marcello Caetano to a Brazilian newspaper, reproduces an interview of the former Brazilian president Jânio Quadros in which he blames Salazar for the colonial war because he did not accept to negotiate with the guerillas, and quotes of an interview of the Socialist leader Mário Soares to the Time magazine. In the other pages of the Comandos the change in the tone of the last edition is evident. For instance, if on the other months there were poems glorifying the soldiers that gave their life for the country, in the last one there is a poem mentioning Human Rights and freedom.*

Keywords: *commandos; Portuguese colonial war; soldier newspapers; April 1974 revolution.*

Introdução

Jornais militares foram incluídos como parte instrumento de alinhamento ideológico exigido aos soldados durante a guerra colonial. Era necessário que estivessem em sintonia com a possibilidade de morrer para que o território ultramarino dominado pelo Estado português pudesse ser mantido. Publicados por unidades militares destacadas para as frentes de combate — situação em que estavam longe das comissões responsáveis pela censura —, ocorre que nem todos os jornais estavam alinhados com a política oficial do governo para a guerra.

Aqui trata-se de uma publicação diferente, a revista *Comandos*. Criada dentro do Centro de Instrução de Comandos de Angola, era voltada para o grupo militar mais disciplinado

do exército português. Há outras características que distinguem esta revista dos jornais de unidade normalmente publicados. Em primeiro lugar, não era uma unidade militar destacada para a frente de combate, mas um centro de formação de combatentes especiais. Em segundo lugar, trata-se de uma revista impressa e não de um pequeno jornal mimeografado em folhas de tamanho A4 (houve ainda alguns jornais de parede que eram manuscritos, normalmente afixados na parede). E, por fim, era voltado não apenas para os soldados que recebiam instrução para se tornarem comandos, mas pretendia abranger comandos já formados e colocados em outros teatros de operações.

Trata-se de uma das poucas publicações militares da guerra colonial que teve um número publicado após a revolução de 25 de abril. Assim, foi possível verificar a mudança que ocorreu tanto a nível do conteúdo, como de imagem.

Publicações militares

A revista *Comandos* encontra-se inserida no que em Portugal recebeu a designação de jornais de unidades, referindo-se às unidades militares — normalmente batalhões e companhias — que estavam destacadas para a frente de combate. Nos seus estudos sobre as publicações da Primeira Guerra Mundial, Nelson (2014 e 2016) denomina estas publicações como “soldier newspapers” (jornais de soldados), ao passo que o australiano Seal (2013) utiliza o termo “trench journals” (jornais de trincheiras).

A avaliação que Seal faz do objetivo dos jornais militares publicados durante a Primeira Guerra Mundial pode ser estendida à imprensa das unidades militares portuguesas da guerra colonial (1961-1974):

This book argues that the fundamental role of these extraordinary periodicals was a major reason for the willingness of soldiers to endure the palpable insanity to which they were consigned by forces beyond their control. The low level of refusal to obey clearly suicidal commands and the willingness to submit to, as well as to endure the unendurable remains a resonant question (Seal, 2013, p. IX).

Na definição que apresenta, Seal procura definir o que ele chama de jornais de trincheira e o âmbito do seu funcionamento. Segundo afirma, a existência de publicações não enquadradas pela hierarquia militar era consequência da própria situação do conflito:

(...) the scale of war, the difficulty or even the impossibility for some of getting home for leave and the intense level of military control imposed both on civilians and soldiers engendered a very different mode of communication. The trench press evolved as a form of communal public expression that operated within, but rarely as part of, the official frameworks of authority (Seal, 2013, pp. 1-2).

Na análise que fez da forma como são escritos os jornais militares, Nelson considera que estes têm uma linguagem que se assemelha a um jornal de clube, pela proximidade das vivências entre quem escreve e o seu público: “Both the authors and the readers were members of the same club, away from home, every one of them familiar with the threat of mortal danger.” (Nelson, 2014, p. 2)

Em Portugal, os jornais de unidade inseriam-se no que era considerado como a ação psicológica voltada para as tropas portuguesas. Tinham um papel complementar aos estágios e cursos para formação de especialistas e instrução de quadros:

(...) quanto às ações de natureza psicológica propriamente ditas, verifica-se que, no respeitante à Metrópole, a ação sobre as nossas tropas se revestiu de diversas formas que, com o tempo, foram sendo aperfeiçoadas. Citam-se, como exemplo, os Jornais de Unidade, os Centros Informativos, as palestras, as reuniões para apresentação dos Boletins de Informações, os filmes, as gravações, fotografias, cartazes, dísticos, as bibliotecas, as cerimónias militares e, ainda, publicações de vária natureza (Barata, 1988, pp. 388-9).

As estruturas militares estabeleciam uma linha de orientação para a ação psicológica durante a guerra. Havia um roteiro do que deveria constar da guerra psicológica, que se encontra na tabela abaixo:

Tabela 1
Objetivos da ação psicológica

Características	Consequências
Patriotismo, vivo ou latente	Evocar a grandeza de Portugal no passado, o exemplo do presente e as perspectivas do futuro.
Individualismo	Empregar um tom pessoal.
Sentido de humor e ironia	Falar franca e simplesmente. Evitar tiradas que possam ser metidas a ridículo.
Amor próprio	Desenvolver o espírito de emulação e evitar dar a impressão de que se pretende “standartizar” atitudes.
Espírito de sacrifício	Realçá-lo como atributo honroso, enaltecê-lo para o aproveitar.
Desejo de amizade e segurança	Não recear o ridículo, por falar como de pai para filho.

Fonte: Barata et al., 1988, pp. 400-401

Ainda que nem todas as publicações a seguissem, havia uma ementa completa a respeito dos temas a serem abordados:

1. Portugal é uma grande Nação e, por isso mesmo, respeitada. Os que falam em independência desejam, afinal, “dividir para reinar”.
2. Ser independente é ser governado por portugueses, ter um Exército constituído por portugueses e obedecer a leis exclusivamente portuguesas. Comparar com o Congo ex-belga.
3. O Exército está em Angola para garantir a segurança de todos os cidadãos, de qualquer raça, e não para defender privilégios ou para permitir injustiças.
4. O Exército está em Angola para garantir a segurança de todos os cidadãos de qualquer raça contra os que ameacem a paz. A todos protege por igual, sem distinção de raças ou de classes.
5. Ser branco não concede privilégios especiais. É-se branco por nascimento e não por mérito próprio, e os privilégios, independentemente de raças, conseguem-se mercê da qualidades morais e intelectuais de cada um. A Lei, porém, obriga igualmente a todos, brancos, pretos ou mestiços.
6. Ter nascido preto ou mestiço não é uma desonra. O português branco aceita no seu meio e respeita todo o português de outra cor. A Lei em Portugal é igual para todos, independentemente da raça.
7. Quando afirmamos que Angola é uma Província Portuguesa não queremos significar que os portugueses brancos queiram tomar posse de todas as terras e de todas as riquezas. Brancos, pretos e mestiços têm todos os mesmos direitos e deveres. Angola é de todos (Barata et al., 1988, pp. 403-404).

A criação do Centro de Instrução de Comandos

Pode-se afirmar que a existência de comandos em Portugal está ligada à guerra colonial. Cann relata que a proposta inicial foi apresentada por uma pessoa que se apresentava como um jornalista franco-italiano, Cesare Dante Vacchi. Vacchi, que tinha sido um sargento da Legião Estrangeira na Indochina e cobriu as operações militares francesas na Argélia, foi para Angola a serviço da revista francesa Paris-Match.

Ele começou a passar a maior parte do seu tempo no quartel-general do B. Caç. 280, próximo à localidade [de Nóqui], onde criou laços de amizade com os oficiais e soldados do batalhão. Desde a primeira oportunidade, apresentou sugestões quanto à forma de combate às ações de contrainsurgência — técnicas geralmente desconhecidas por parte dos militares portugueses. Ao tornar-se mais fluente em português, passou a oferecer instrução mais sofisticada baseada não apenas na forma de combater, mas, mais importante, na preparação psicológica que permitia aos soldados dominarem rapidamente a confusão dos combates (Cann, 2016, p. 5).

Teria sido por proposta de Vacchi que foi criado o primeiro curso de formação de comandos, sendo que ele, apesar de ser um civil e estrangeiro, foi indicado como instrutor dos soldados portugueses:

A partir do sucesso das suas sugestões, ele afirmou que poderia treinar um grupo de militares em menos de um mês. Os êxitos alcançados pelos treinados por Vacchi foi responsável pela decisão de se criar um centro de formação de comandos, que começou a funcionar a partir de setembro de 1962. Segundo Cann, teria sido Vacchi que estabeleceu os critérios de seleção para os candidatos a essa tropa especial (Cann, 2016, p. 7).

Vacchi foi reconhecido como quem propôs a formação dos comandos por Cann, Rainho (2017) num artigo de jornal, e até Oliveira (2017). Sobre a proposta da criação destas tropas especiais, Oliveira reconhece: “É interessante notar que já um civil tinha feito uma recomendação semelhante”. (Oliveira, 2017, p. 43). Neste caso, trata-se de uma referência sem nomear Vacchi, que, posteriormente é citado apenas como Dante Vachi (Oliveira, 2017, p. 46), ao referir-se aos instrutores do primeiro curso de comandos português.

No entanto, no relato oficial das campanhas africanas do exército português, a *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)* o nome de Cesare Dante Vacchi é omitido:

As primeiras experiências deste tipo de forças foram realizadas em Angola, já em 1962 (depois de se ter gorado a formação de um Centro de Instrução para Missões Especiais em Cabinda), com base em voluntários. (...) As referidas experiências em Angola levaram à criação do Centro de Instrução de Comandos de Angola (CIC/Angola) já com sede fixa e aquartelamento adequado (Barata, 1988, p. 330).

Além das táticas de combate contra aguerrilha e outras formas de insurgência, a disciplina e o alinhamento ideológico eram o centro da formação dos comandos. Tanto que o Código Comando apresenta, em seu primeiro ponto:

O “COMANDO” ama devotamente a sua Pátria, estando sempre pronto a fazer por ela todos os sacrifícios. Constante exemplo de energia, de amor ao trabalho, de dedicação e de lealdade aos chefes não discute as ordens que recebe, não admite nem reconhece embaraços ou resistências à sua integral execução. (...) O caráter, a lealdade, a fidelidade, a obediência e a determinação são virtudes inalienáveis do “COMANDO”. Sejam quais forem os seus dotes de saber, o “COMANDO” que as não possua ou as despreze deve ser inexoravelmente privado do seu título (Nunes, 2013, p. 37).

A revista do CIC

A revista *Comandos* não foi a única publicação do Centro de Instrução de Comandos de Angola. Na Biblioteca do Exército encontram-se vários exemplares do jornal de unidade *Zé Comando* (cota 35.494), mimeografado de tamanho A4 (210 x 297 mm). Há quatro números, de 1965 e 1966, sendo que nos jornais de 1965 aparecem a indicação Ano III n.º 1, n.º 2 e n.º 3 e no de 1966 aparece Ano IV, n.º 1. Não há qualquer outra indicação da existência de outros números.

Em termos de conteúdo, estes jornais não têm grande diferença em relação às outras publicações de unidades de combate que se encontravam em Angola. As seções são semelhantes, o tipo de humor é parecido e os temas não fogem ao que se pretendia no quadro acima, da *Resenha Histórico-Militar daas Campanhas de África (1961-1974)*. O *Zé Comando* tem grande diferença em relação à revista *Comandos*. Os exemplares da revista *Comandos* estudados são os que se encontram na Biblioteca do Exército, com a cota 35.253. Trata-se de um volume encadernado, com todos os 12 números da revista. São fotocópias dos originais, cujas capas constituem fotocópias a cores. No interior, todas as fotocópias são a preto e branco, o que não permite saber se há alguma página de algum dos números originais impressa a cores ou mesmo se foi usada cor na publicidade. É impossível saber se a cor baça das capas se deve à qualidade da fotocópia ou se resulta do tempo passado desde a sua impressão.

Quanto às dimensões, dois fatores impedem uma aferição exata das dimensões dos originais. Por um lado, o fato de serem fotocópias — o que permite uma reprodução em dimensões diferentes do original — e, por outro, a encadernação, que para os acertos pode exigir um corte. Os exemplares em questão têm 20,6 por 28,4 cm.

No total, encontram-se doze números da revista. A publicação é mensal, sendo o primeiro número é de abril de 1973 e o último é uma edição de três meses, de março a maio de 1974. Foi o único número que atrasou desde o surgimento da publicação.

Entre as características que distinguem a revista *Comandos* das outras publicações de unidades militares durante a guerra colonial estão o fato de esta ser impressa — e não copiada em mimeógrafo, como a maior parte dos jornais militares — e, também, o fato de ter publicidade. Provavelmente, os anúncios seriam uma forma de manter a revista, cujos custos de impressão eram superiores a uma edição policopiada.

A cada número, entre cinco páginas e meia e seis páginas e meia eram dedicados à publicidade — incluindo o último, publicado após a revolução de 25 de abril. A lista de anunciantes, que se repete em praticamente todos os números, é a seguinte:

- Agências de viagem: Agência de Viagens Campião Agência de Viagens União;
- Bungalows: Autodel
- Importação de produtos da metrópole: A. Pimenta, Casa Africana
- Instituições financeiras: Banco de Angola, Banco Comercial de Angola

- Lubrificantes: Mobil
- Pecuária: Fazenda Cuerama
- Restaurante: Solar dos Fadistas: ¼ de página

Pode-se dividir a publicidade em dois tipos. Um deles seria o utilitário, ou seja, bens ou produtos que poderiam ser utilizados pelos militares. Inclui-se nisso uma casa de fado, armazéns ou lojas que importavam produtos da metrópole ou agências de viagens. O segundo tipo poderia ser considerado publicidade com intuito político, no sentido de apoiar as tropas ou uma troca de favores. A venda de bungalows, a fazenda produtora de produtos pecuários ou a publicidade do Banco de Angola e do Banco Comercial de Angola seriam inseridos nesse segundo grupo.

No que diz respeito ao seu público-alvo, no primeiro número este é definido da seguinte forma pelo comandante do Centro de Instrução de Comandos, o coronel de infantaria António Correia Dinis:

Não pretendemos unicamente uma circulação interna e limitada, mas pretendemos, sim, obter um elo de ligação entre todos aqueles que foram e são “Comandos” e se encontram espalhados por todo o Espaço Português e que um dia tiveram a honra de usar no peito a nossa insígnia, que com honra tão bem souberam dignificar, quer nas matas do Norte ou nas chanas do Leste de Angola, quer em Cabo Delgado ou no Niassa, quer em Tete ou nas bolanhas da Guiné (*Comandos* [1], 1973, p. 31).

Relativamente à produção editorial, a grande maioria dos textos é constituída por cópias de artigos de outros meios informativos. No primeiro número é explicada a opção por essa forma de edição:

Acontece que fazer um jornal não é fácil. Exige, no mínimo, uma redação e um gabinete fotográfico. Ora esse mínimo não existe ainda. Portanto, partindo da escala zero será normal que se aceitem não só as deficiências como as insuficiências. Assim o jornal terá de viver de transcrições de outros órgãos de informação que, por escolha, são aqueles que sendo menos vulgares podem emprestar leituras ainda não conhecidas da maior gama do pessoal (*Comandos* [1], 1973, p. 3).

A maior parte dos textos é de publicações estrangeiras, especialmente brasileiras. Eis algumas dos órgãos informativos citados: *Manchete*, *Enciclopédia Abril*, *Enciclopédia Bloch* (Brasil); *Flama* e *Prisma* (Portugal); *Blanco y Negro* (Espanha); *Goncourt* (França); *Review of the News* (EUA) entre outros. Há também cópias de artigos sem citar a fonte. A tabela 2 apresenta a origem dos artigos que não são originais de cada número da revista, incluindo os sem indicação de fonte dentro do universo cuja origem foi possível identificar como não sendo da própria revista:

Tabela 2*Origem dos artigos publicados na revista Comandos*

Número/País	Portugal	Brasil	Espanha	Reino Unido	França	EUA	s. Ind.
1	2	2	1				1
2	1	3					
3	1	2					
4	1				2		2
5		2					1
6		3					
7	1	4					
8		1			1		1
9	1	1					
10	1	5					
11	1			1		1	
12	1	4				1	
Total	9	27	1	1	3	2	5

Fonte: elaboração própria

A mudança após a revolução

Tendo em conta a disciplina e o alinhamento dos comandos com o regime, os eventos do 25 de abril provocaram uma mudança na revista. Em primeiro lugar, pela primeira vez, a publicação da revista atrasou. Em vez de sair mensalmente, o último número apenas foi publicado em maio — provavelmente quando foi possível aos comandos compreenderem o que estava acontecendo.

A primeira mudança que se observa é na capa. Enquanto nos números anteriores esta tinha como referência o que era a linha a ser observada pelas publicações militares, o número 12 da revista tem uma imagem diferente.

Por exemplo, nas imagens 1 e 2 podem observar-se capas da revista.

Na imagem 1, o soldado personifica a imagem de heroísmo, coragem ante o inimigo, individualismo.

Na imagem 2, numa posição agressiva, dois soldados representam uma situação de combate. Novamente o heroísmo, a coragem — busca do enfrentamento sem buscar refúgio — e o enfrentar de uma situação difícil.

Na imagem 3, a iconografia do sagrado vem acompanhada pelo brasão do centro de instrução. Procura-se apresentar uma ligação entre o divino e a atividade militar, por ocasião da festividade do Natal.

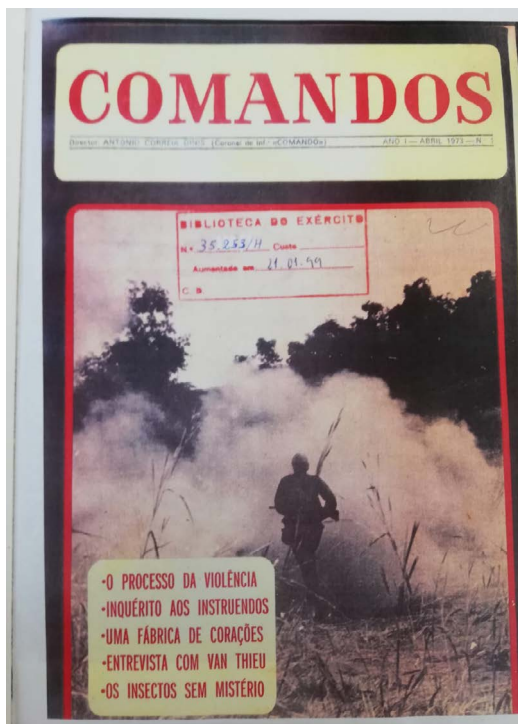


Imagem 1
 Capa da revista Comandos
 Fonte: revista Comandos, nº 1

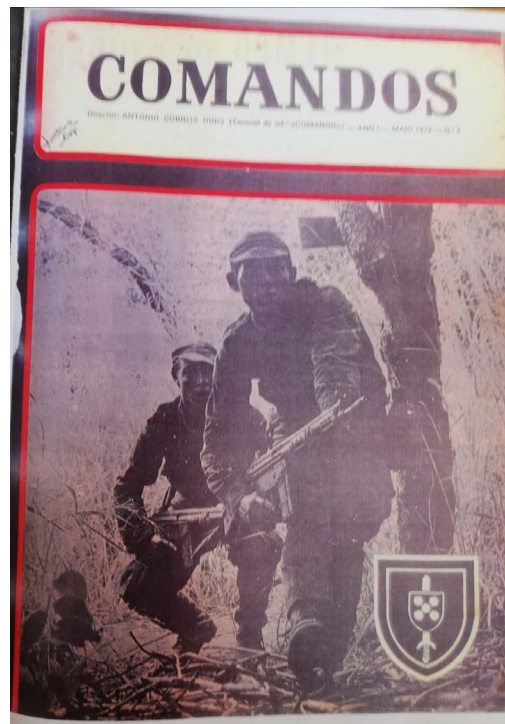


Imagem 2
 Capa da revista Comandos
 Fonte: revista Comandos, nº 2

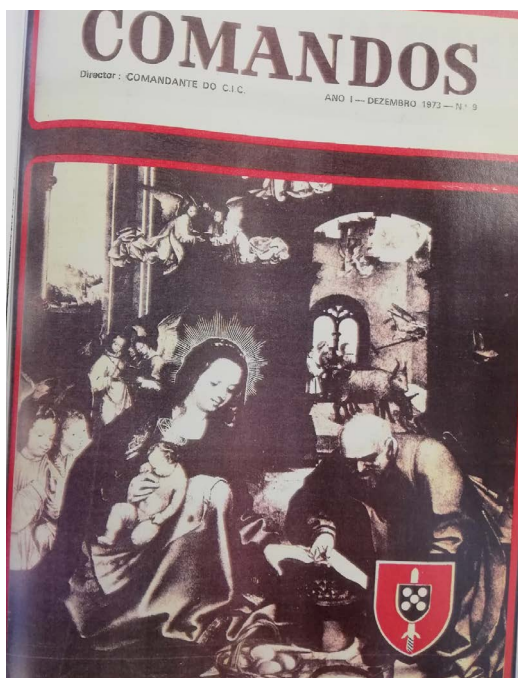


Imagem 3
 Capa da Revista Comandos
 Fonte: revista Comandos, nº 9

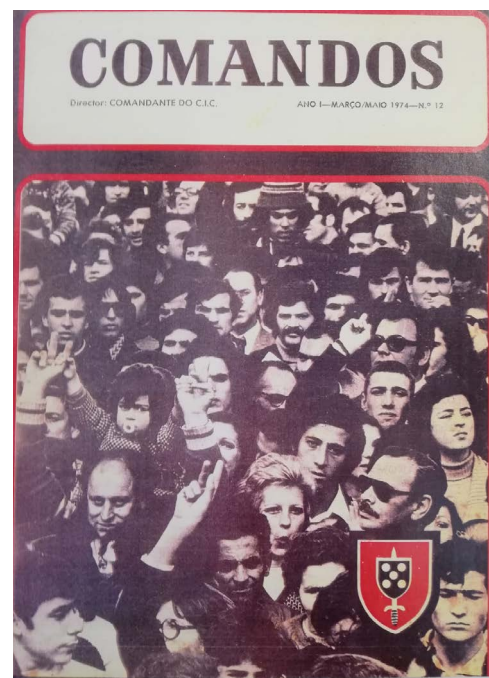


Imagem 4
 Capa da revista Comandos
 Fonte: revista Comandos, nº 12

Após a revolução, a imagem utilizada (imagem 4) é uma fotografia que nada tem a ver com os militares, seus feitos ou mesmo com o imaginário religioso ligado ao regime. Uma foto de pessoas indiscriminadas, para dar o sentido de povo, mostra a transformação política que estava em curso e que os militares procuravam compreender. A começar pelo brasão. Este passou a fazer parte da capa a partir da segunda edição, de maio de 1973, sendo que nos números 2, 3 e 4 era um brasão monocromático e, a partir do número 5, de agosto de 1973, passou a utilizar cores. Apesar de o brasão se encontrar exatamente na mesma posição na capa que o do número 9 da revista — a mensagem que transmite é outra. O brasão encontra-se no meio do povo, representando o Centro de Instrução de Comandos alinhado com a população.

Antes do 25 de abril, a revista era completamente alinhada com os objetivos da ação psicológica estipulados pelo exército. Um exemplo é a poesia Soldado de Portugal, transcrita abaixo, composta por um dos formandos no Centro de Instrução de Comandos, o soldado Carlos Biscaia, em que coloca como valoroso morrer pela pátria e publicada um mês antes da mudança de regime:

Aquém e alémmar
Sulcando novos caminhos
Os “Comandos” vão lutar
Rastejando em mil trilhos
Ter a Pátria a defender
E por ela a vida dar

Por ela hão-de morrer
Rastejando sem parar
Ouve “Comando” que vais
Ter a Pátria a defender
Enquanto que outros morrem
Gera ideias de viver
Êxito, glória e paz
Os “Comandos” vão buscar
Sendo os heróis destemidos

Avançando sem parar
Unidos vão ao combate
Destemidos sem igual
Audazes que nesta guerra
Zelam pela paz na terra
Excelentes combatentes
São Soldados de Portugal
(*Comandos* [11], 1974, p. 13).

A forma como a visão da política internacional era apresentada na revista antes do 25 de abril pode ser vista neste trecho inicial do texto, com indicação de ser copiado da revista norte-americana *Review of the News*, na qual é relatada a ida de representantes dos movimentos de guerrilha à sede da Organização das Nações Unidas, em Nova York: “Assassinos no palácio de vidro. Num precedente ameaçador, acabam de ser admitidos na O.N.U., como observadores, os terroristas comunistas que atacam a África portuguesa” (*Comandos* [8], 1973, p. 24)

O movimento que derrubou a ditadura portuguesa foi o centro do último número da revista. Mais de um terço da publicação foi dedicada ao 25 de abril — das 32 páginas, seis foram de publicidade e mais de nove tinham direta ou indiretamente a revolução como tema.

No editorial, o comandante do Centro de Instrução de Comandos apresentou a edição como sendo: “(...) a fusão, em uma só edição, das referentes a março, abril e maio, dando especial relevância ao Movimento das Forças Armadas, que em 25 de abril se propôs alterar o rumo político que se vivia em Portugal.” (*Comandos* [12] 1974, p. 3)

Um exemplo das mudanças após o 25 de abril está na rubrica mensal Maria, normalmente com pensamentos sobre o mundo — o uso de uma figura feminina como autora dos textos indica textos mais leves e menos voltados para questões políticas. No número 8 da revista, o texto assinado por Maria começava da seguinte forma: “Há segredos que o homem não consegue entender... São mistérios. Mistério da própria vida. São tempestades de perguntas com respostas, sem respostas ou de dúbias respostas.” (*Comandos* [8], 1973, p. 7)

Já dois meses antes, em setembro de 1973, Maria iniciava da seguinte forma:

Todas as pessoas em todo o Mundo deveriam ter seu lugar num jardim público para poderem, em cima dum banco, banquinho ou escadote, falar abertamente às gentes sob o perdão do diálogo, sentindo agitar-se o coração, unir-se as boas vontades, discutirem-se os argumentos, analisarem-se as doutrinas (*Comandos* [6], 1973, p. 4).

Após o 25 de abril, Maria muda de tom. Fica a ideia de que a Revolução dos Cravos era mais aceitável por ter sido feita por militares:

As palavras, as ideias, os factos tomaram força através dos tempos e das gerações e nascem em dia de divindade como oferta ao povo vivo e mensagem ao povo morto, mensagem em tempo de “vivas”.

“Os Direitos do Homem” ganharam mais expressão.

A partir de hoje fica decretado que...

Nunca mãos como aquelas se podem cansar.

Nunca aquelas vontades se podem quebrar.

Finalmente abriram a liberdade no coração, na boca e no pensamento do povo. Daquele povo vagabundo dos dias e das noites.

Foi tarefa de gigantes as dos homens de verde com tons de amarelo nos ombros (*Comandos* [12] 1974, p. 4).

Na parte dedicada à mudança de regime, a tentativa de interpretação do que tinha ocorrido estava concentrada em duas páginas. Do lado esquerdo, uma entrevista com o ex-presidente brasileiro Jânio Quadros à revista brasileira Machete, a respeito da relação que tinha com o antigo presidente do conselho de ministros António de Oliveira Salazar. Quadros relatou que, após ter sido eleito (em 1960), teria proposto uma solução para as colônias portuguesas a Salazar. A proposta incluiria formar uma confederação luso-brasileira, no seio da qual seriam libertadas as colônias portuguesas. Salazar teria respondido que Portugal não tinha colônias, mas sim províncias ultramarinas. (*Comandos* [12], 1974, p. 10)

Jânio Quadros foi eleito em outubro de 1960. Segundo o arquivo da Fundação Mário Soares, a viagem ocorreu no início de janeiro de 1961. Durante a estada em Lisboa, fez contatos com membros da oposição ao regime, incluindo Mário Soares e Acácio Gouveia. A indicação na cronologia da Fundação Mário Soares é de que a chegada a Lisboa teria ocorrido a 4 de janeiro de 1961 (Fundação Mário Soares, s. d.), ainda antes do início da guerra colonial, que só ocorreria em março desse ano.

A revista também traz um artigo do jornal O Globo sobre o livro Depoimento, de Marcello Caetano, publicado no Brasil. O artigo relata que o presidente do conselho derrubado do poder pelo movimento dos militares elogiou a PIDE/DGS — afirmando que não havia evidências de torturas — e que teria preferido uma derrota honrosa na Guiné-Bissau a negociar com “terroristas”. A proposta de negociação teria sido apresentada por Spínola depois de uma reunião com o presidente do Senegal, Léopold Senghor. O texto também revela que Marcello teria pedido demissão em fevereiro de 1974, mas o presidente Américo Tomaz recusou. (*Comandos* [12], 1974, p. 10/11)

Na parte inferior da página 11, ocupando pouco mais de um terço da página, é dado espaço a um dos novos protagonistas políticos que estava emergindo após a revolução. São reproduzidos trechos de uma entrevista com o então Ministro dos Negócios Estrangeiros, Mário Soares, concedida à correspondente da Time em Portugal (Martha de la Cal, não citada no texto). Soares preconizava o cessar-fogo e a autodeterminação das colônias, precedida de um referendo. O então ministro sugere que esse referendo poderia ter o controlo e inspeção das Nações Unidas. Ele também afirmou que não havia razão para uma fuga em massa da população branca de Moçambique para Portugal. (*Comandos* [12], 1974, p. 11)

A edição de número 12 contém também um artigo de seis páginas relatando o que foi o movimento militar do 25 de abril, com a descrição dos movimentos militares, a transcrição dos comunicados do Movimento das Forças Armadas, o relato da reação da população, a história da rendição do poder instituído e a apresentação integral das primeiras medidas adotadas pela Junta de Salvação Nacional, que incluíam a promessa da eleição de uma assembleia constituinte e uma solução política para as guerras no ultramar (*Comandos* [12], 1974, p. 16/21).

Num artigo intitulado “Angola e a juventude”, a revista apresenta também a posição oficial das autoridades portuguesas que receberam a incumbência de gerir a colónia após

o 25 de abril. Assinado pela Junta Provincial de Angola, defende a recusa à independência imediata, sob o argumento de que os movimentos de libertação não representavam os interesses angolanos:

Um dos mais graves problemas com que sem sombra de dúvidas se vai debater a nossa Angola, será certamente, o da promoção social e politização de vastas camadas da população já que para se poder tomar uma opção válida é preciso responder a um mínimo de condições que tornem o indivíduo capaz de saber distinguir entre o que lhe convém e a sua terra e aquilo que ardilosamente é o desejo e conveniência de outros. (...) Só assim, livre, esclarecido e consciente, o indivíduo pode, na realidade, validamente fazer opções. Vastas massas, incapacitadas por diversas razões e motivos, facilmente influenciáveis por demagogias podem até escolher inconscientemente o caminho que as levará ao suicídio futuro. A consciencialização, mentalização e politização de um povo como o nosso é tarefa árdua, difícil e morosa. Não se mudam séculos num dia e a democracia, tão ansiada, servirá apenas de degrau ao estabelecimento de nova ditadura onde apenas mudarão os métodos e as pessoas (*Comandos* [12], 1974, p. 15).

Conclusões

Uma análise da revista publicada em maio de 1974 revela a perplexidade dos comandos ante a nova situação. Os militares do centro de instrução que formava os militares mais disciplinados e alinhados com o regime não sabiam como interpretar a nova realidade.

Por um lado, as referências que buscaram para interpretar o que tinha acontecido eram as figuras do antigo regime — os textos sobre Salazar e Marcello Caetano. Por outro, a descrição pormenorizada, incluindo comunicados, do que tinha acontecido no 25 de abril. E, além disso, a ideia de que o movimento tinha sido feito por militares, o que foi apresentado no texto assinado por Maria como uma garantia — no entanto, acaba por ser um ato supremo de indisciplina.

Referências bibliográficas

- Barata, M. F. T. et al. (1988). *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*. Estado Maior do Exército.
- Berkey, J. (2012). Splendid Little Papers from the “Splendid Little War”: Mapping Empire in the Soldier Newspapers of the Spanish-American War, in *The Journal of Modern Periodical Studies*, n.º 3 (2), pp. 158-174. <https://doi.org/10.5325/jmodeperistud.3.2.0158>
- Cann, J. P. (2016). *Portuguese Commandos — Feared Insurgent Hunter (1961-1974)*. Helion and Company.
- Comandos (1973/1974). Centro de Instrução de Comandos: Angola, In *Fundação Mário Soares*. Cronologia. <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=036361>
- Lutz, E. (1952). Soldier Newspapers of the Civil War, In *The Papers of the Bibliographical Society of America*, n.º 46 (4), pp. 373-386. <https://www.jstor.org/stable/24298547>
- Nelson, R. L. (2014). Soldier Newspapers, in *International Encyclopedia of the First World War*. https://encyclopedia.1914-1918-online.net/pdf/1914-1918-Online-soldier_newspapers-2014-10-08.pdf
- Nelson, R. L. (2016). *Escape from Total War: British, French & German Soldier Newspapers*. https://www.youtube.com/watch?v=H8_IYF-l7A
- Nunes, A. P., (2013). *Siroco — Os comandos no leste de Angola*. Associação de Comandos.
- Oliveira, J. F. R. de (2017). *Comandos: subsídios para a sua história*. Associação de Comandos.
- Rainho, P. (2017). “Dante Vacchi. O pai fantasma dos Comandos portugueses”, In *Observador*, <https://observador.pt/especiais/dante-vacchi-o-pai-fantasma-dos-comandos-portugueses/>
- Rattner, J. (2020). O satírico na imprensa das unidades militares durante a guerra colonial, In Baptista, C. e Sousa, J. P. (org.) *Para uma história do jornalismo em Portugal*, pp. 205-224. Livros ICNova.
- Seal, G. (2013). *The Soldier's Press — trench journals in the first world war*. Palgrave Macmillan.
- Tengarrinha, J. (2003). Um trabalho pioneiro na comunicação militar, In A. R. Soares (dir.). *Catálogo da Biblioteca do Exército*. Biblioteca do Exército
- Zé Comando* (1965/66). Centro de Instrução de Comandos.